

O privado em público: reflexões sobre a construção das celebridades na contemporaneidade

Paula Guimarães Simões¹

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir algumas relações entre o público e o privado na constituição das celebridades contemporâneas. Para tanto, o texto analisa o episódio envolvendo o jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima e três travestis, em 2008, tendo em vista a repercussão do caso entre os sujeitos comuns. A análise procura compreender: 1) como o público e o privado são tematizados; 2) que imagem de Ronaldo emerge a partir desse acontecimento; 3) quais os traços e valores de nossa sociedade são por ele evidenciados. Os resultados nos permitem compreender a interpenetração entre as esferas pública e privada, além de algumas contradições no rosto público da celebridade analisada.

Palavras-chave: Público e privado; celebridade; Ronaldo; travestis.

Abstract

The aim of this paper is to discuss some relations between the public and the private in the constitution of contemporary celebrities. For this purpose, the text analyzes the episode involving the soccer player Ronaldo Nazário de Lima and three transvestites, in 2008, considering the repercussion of the case among ordinary people. The analyzes seeks to comprehend: 1) how the public and the private are thematized; 2) which is the image of Ronaldo in this event; 3) what traits and values of our society are shown by it. The results allow us to understand the interpenetration between the public and private spheres and some contradictions in the public face of the celebrity analyzed.

Keywords: Public and private; celebrity; Ronaldo; transvestites.

Introdução

A relação entre o público e o privado é objeto de reflexão de diferentes pesquisadores, com pontos de vista igualmente distintos. Em sua análise sobre a constituição desses dois espaços na Grécia Antiga, Hannah Arendt (2005) defende a separação entre a esfera pública e a esfera privada. Esta se refere ao espaço em que os indivíduos buscam garantir a própria sobrevivência:

Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e

¹ Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br.

separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros (ARENDDT, 2005, p.68).

É no espaço público que se configura um *mundo comum* na perspectiva arendtiana, desenvolvida em meados do século XX. Nesse mundo, construído por indivíduos em ação, “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (ARENDDT, 2005, p. 59). Essa construção do mundo comum ou “a existência de um espaço público vigoroso” é vista como “uma garantia ‘contra a futilidade da vida individual’” (BIGNOTTO, 2009, p. 227). Com o desenvolvimento da sociedade de massas, Hannah Arendt aponta e critica a perda da força do mundo para manter as pessoas juntas, acarretando uma ampliação da esfera privada e uma diminuição do espaço público.

A distinção proposta Arendt é importante na medida em que procura separar a dimensão individual da vida dos sujeitos e a dimensão pública, aquela responsável pela constituição do *mundo comum*, essencial na construção da política nas sociedades democráticas. É possível, no entanto, problematizar a separação entre o público e o privado, a partir de transformações sociais que marcam a contemporaneidade.

Newton Bignotto (2009) aponta que um dos traços dominantes das sociedades industriais hoje é “o encolhimento progressivo da esfera pública” (2009, p. 227), que pode ser relacionado ao desenvolvimento do individualismo moderno, que trouxe especificidades ao nosso tempo. Mas o autor considera que esse traço não é suficiente para compreender a expansão da esfera privada em nossas sociedades:

Não há como negar que o individualismo faz parte dos traços distintivos de nossa época e define os rumos de boa parte das sociedades democráticas. A preocupação com os direitos individuais revela não apenas a importância da questão do indivíduo, mas, sobretudo, seu impacto no território do direito e das liberdades associadas à democracia. Não é portanto, a simples referência ao papel do indivíduo que esclarece as críticas arendtianas à destruição do espaço público. A futilidade de nossos atos privados se torna um sintoma inquietante para a vida política quando deixa de ser referida à cena da vida privada e aparece no espaço em comum dos homens como aquilo que verdadeiramente importa. Tudo se passa como se um certo pudor associado aos gestos privados fosse perdido e se impusesse à luz do dia como algo pertinente e importante ao convívio de todos (BIGNOTTO, 2009, p. 228-229).

Observamos hoje como acontecimentos ligados à intimidade e à privacidade das pessoas emergem na cena pública e ocupam o lugar daquilo “que verdadeiramente importa” na sociedade. Na tentativa de compreender esse novo cenário, Paula Sibilia sugere “uma imbricação e interpenetração” de ambos os espaços (o público e o privado), “capaz de reconfigurá-los até tornar obsoleta a distinção” (SIBILIA, 2008, p. 78). Essa interpenetração pode ser percebida em diferentes espaços, como a exposição da intimidade de sujeitos comuns em *reality shows* como *Big Brother Brasil*; a autoexposição das pessoas em *blogs* e em redes sociais, como *Facebook*; a narração da vida privada das celebridades, em revistas especializadas como *Caras* e *Contigo!* e até mesmo em programas jornalísticos de informação geral.

É para essa última questão que nos voltamos neste artigo: as relações entre as vidas pública e privada das celebridades no cenário contemporâneo. De acordo com Graeme Turner (2004), é justamente a sustentação do interesse por sua *vida privada* que ajuda a caracterizar uma celebridade. Segundo o autor, esta precisa de mais do que um catálogo de atividades profissionais de sucesso para alimentar o desejo da mídia por acompanhar sua trajetória. Conforme o pesquisador,

nós podemos mapear o preciso momento em que uma figura pública se torna uma celebridade. Isso ocorre no momento em que o interesse midiático em suas atividades é transferido dos relatos em torno de seu papel público (como suas realizações específicas na política ou no esporte) para a investigação dos detalhes de suas vidas privadas (TURNER, 2004, p. 8, tradução nossa).

Para desenvolver a reflexão, tomamos como objeto de análise um acontecimento recente que diz respeito à vida privada de uma celebridade e que ocupou o espaço de visibilidade pública: o episódio envolvendo o jogador de futebol Ronaldo Luís Nazário de Lima e três travestis, que foram levados de um motel para uma delegacia no Rio de Janeiro no dia 28 de abril de 2008. A versão do jogador é a de que teria contratado uma prostituta naquela madrugada, que convidara mais duas amigas para o programa. Ao perceber que eram travestis, Ronaldo teria tentado desfazer o programa e teria sido vítima de tentativa de extorsão. Naquela época, Ronaldo jogava pelo Milan, da Itália, e estava no Brasil para se recuperar de uma lesão no joelho. Ele namorava Bia Anthony, que terminara o relacionamento ao saber do ocorrido, mas, pouco depois, ao confirmar sua gravidez, reatou o romance. As versões para esse episódio ganharam o espaço de visibilidade e suscitaram inúmeras manifestações do público em relação a Ronaldo.

Nossa proposta é olhar para algumas dessas manifestações, a fim de perceber o que esse acontecimento nos revela das relações entre o público e o privado no que concerne à vida das celebridades. Mais especificamente, procuramos apreender como essas duas esferas são tematizadas pelos sujeitos na construção da *imagem pública* (GOMES, 2004) de Ronaldo. A partir disso, procuramos perceber também alguns traços e valores de nossa sociedade que são evidenciados nos posicionamentos dos sujeitos.

Para tanto, procuramos construir um *corpus* com fragmentos provenientes de diferentes espaços que se enredam na configuração da imagem pública de uma celebridade. Assim, selecionamos matérias publicadas em revistas semanais de informação (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*) e uma entrevista de Ronaldo concedida ao *Fantástico*, a fim de reconstruir o acontecimento.² Entretanto, como nossa análise incide sobre a repercussão desse episódio e os posicionamentos do público em relação a ele, selecionamos comentários expressos no *YouTube* acerca do mesmo. A coleta de dados foi feita a partir de uma busca pelas palavras-chave “Ronaldo Travestis”, que encontrou 958 resultados. Destes, foram selecionados nove vídeos que tratavam do caso envolvendo Ronaldo e as travestis e que traziam comentários do público em relação a ele. Inicialmente, havia 1198 comentários acerca dos nove vídeos. A fim de reduzir esse recorte, selecionamos os três conjuntos que agrupavam o maior número de manifestações, reduzindo o corpus para 875 comentários. Esse conjunto passou por uma nova seleção, em que excluímos os comentários feitos em língua estrangeira e aquelas manifestações que tratam de aspectos irrelevantes para a análise aqui desenvolvida, chegando a um corpus final composto por 578 manifestações. Além disso, o *corpus* conta também com 16 cartas de leitores publicadas em *Veja*.³

Acreditamos que essa composição do *corpus* permite apreender diferentes posicionamentos em relação ao episódio envolvendo Ronaldo e as travestis, o que nos auxilia a compreender algumas relações entre o público e o privado na configuração das celebridades na contemporaneidade – o que procuramos discutir na análise a seguir.

² Esse material foi selecionado e consultado para compreender o acontecimento e os comentários expressos pelos sujeitos acerca dele.

³ Tanto em relação às manifestações expressas no YouTube (www.youtube.com), coletadas em 10 de outubro de 2011, como às cartas de leitores de *Veja*, publicadas em 14 de maio de 2008, optamos por não citar os manifestantes por seus nomes ou apelidos individualmente por considerar que isso não esclarece ou enriquece os posicionamentos aqui apresentados.

Ronaldo, as travestis e os posicionamentos do público

O episódio envolvendo Ronaldo e as travestis repercutiu na imprensa mundial. Os discursos publicados em diferentes jornais e revistas, além dos veiculados em programas televisivos, tematizaram a vida pessoal e profissional do jogador, incluindo especulações sobre suas preferências sexuais, seu comportamento como um ídolo nacional e como um sujeito no mundo. O tom geral dos discursos é de condenação ao comportamento do jogador: um atleta de sucesso, um grande campeão,⁴ cuja trajetória profissional e pessoal estaria entrando em declínio. Entretanto, há discursos que colocam Ronaldo como vítima de um golpe armado pelas travestis e que abrem espaço para que ele conte, com detalhes, sua visão e seus posicionamentos em relação ao acontecimento (com destaque para a entrevista concedida por ele à jornalista Patrícia Poeta para o *Fantástico*).⁵ Todos esses discursos fizeram circular sentidos sobre o acontecimento e seu protagonista, interpelando o público a se posicionar – o que foi feito de maneiras diferentes.

No *corpus* analisado, predomina o tom de crítica ao comportamento do jogador, a partir de diferentes pontos de vista e argumentos. Ronaldo é visto como um “otário”, uma celebridade de quinta linha, que se envolveu em uma situação “deplorável”, ao deixar a namorada em casa e ir “catar traveco na rua”. Inúmeras manifestações no *YouTube* desqualificam a versão de Ronaldo para a ocorrência, considerando o jogador como um “picareta demagogo”, um “hipócrito e mentiroso”: é claro que ele sabia que eram travestis, não é possível confundir “berimbau com gaita”; não é possível que ele não consiga “separar o joio do trigo”, ainda mais depois de ter namorado tantas mulheres bonitas. Para um dos manifestantes, “tudo bem procurar garota pra programa”, o inaceitável é dizer que não sabia que aquelas eram travestis. Além disso, “aquele tipo” de travesti “não engana nem cego”. Os valores da verdade e da confiança são colocados em suspeição na imagem de Ronaldo.

⁴ Ronaldo participou da conquista de duas Copas de Mundo (em 1994, mesmo no banco de reservas, e em 2002, quando se consagrou como um dos grandes heróis do pentacampeonato brasileiro). O jogador também foi eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA por três vezes (1996, 1997 e 2002). Ele jogou em vários times internacionais e encerrou a carreira como jogador profissional em 14 de fevereiro de 2011, quando atuava pelo Corinthians.

⁵ O DESABAFO de Ronaldo. *Fantástico* (04 de maio de 2008). Transcrição da matéria disponível em: <<http://fantastico.globo.com/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.

Para alguns manifestantes, o jogador mentiu também ao negar o consumo de drogas:⁶ ele “sempre gostou [...] de festinhas regadas a droga e sexo”, a álcool e “substâncias ilícitas”. Em um dos comentários, o Fenômeno é visto como um “GORDO MACONHEIRO CHEIRADOR DE COCAINA”, e essa droga “destrói a vida da pessoa!”. A imagem de Ronaldo aqui se afasta daquela do atleta, do esportista em boa forma e com hábitos saudáveis.

Assim, o comportamento festeiro e mulherego dele é destacado para tentar explicar o que aconteceu naquela madrugada e também para tematizar a orientação sexual de Ronaldo: “com tanta mulher no mundo...” “e vai pegar logo viado !!!”; “com tanta mulher gostosa que esse cara podia pegar e ele apronta essa”. Para vários manifestantes, trocar uma mulher bonita por travestis é inaceitável: “o cara realmente não tem os mesmos valores que eu não”. O que teria levado Ronaldo a buscar as travestis também foi tematizado em vários comentários: para alguns manifestantes, ele teria se cansado de tantas mulheres bonitas (e “marias chuteiras”) e quis experimentar um relacionamento diferente.

Essa questão da orientação sexual de Ronaldo suscitou grande parte das manifestações no *YouTube*. Ele é identificado a partir de diferentes expressões, muitas vezes, chulas e pejorativas, que propõem um outro posicionamento para o jogador, diferente do que ele assume:⁷ “veado”, “viadão”, “gay”, “bissexual”, “boqueteiro”, “bichona”, “marica”, “biba”, “boiola” e “travequeiro” são algumas das expressões utilizadas. O que se pode perceber é o tom preconceituoso em relação à possibilidade de construção de uma relação homoafetiva que aparece em uma diversidade de posicionamentos analisados. O preconceito é atribuído a Ronaldo: ele seria homofóbico por não “sair do armário” e não assumir sua relação com travestis. Além disso, a visão sobre as travestis é muito negativa, motivando inúmeras piadas e comentários ofensivos. Elas são vistas como uma “raça de filhos da puta”, como “barangas horrorosas”, como “vigaristas”, como um “lixo humano”. E sair com elas é visto como inadmissível: “ninguém perdoa”. Há poucas manifestações que defendem as travestis: elas são “verdadeiras mulheres”, “são filhos(a) de Deus ou

⁶ Em um primeiro depoimento, uma das travestis acusou o jogador de ter consumido drogas, o que não foi comprovado pela polícia, de acordo com o delegado que investigou o caso. Em depoimento posterior, a própria travesti retirou as acusações contra Ronaldo.

⁷ Na entrevista ao *Fantástico*, citada anteriormente, Ronaldo diz que é “completamente heterossexual”.

anjos”, e não tiveram culpa do incidente, já que foi Ronaldo quem foi atrás delas. Um dos comentários denuncia: “como o mundo é hipócrita em relação a sexualidade”.

A orientação homoafetiva de Ronaldo proposta por alguns manifestantes é associada com o estado em que nasceu: ele só podia ser carioca. O que chama a atenção, no entanto, é como essa orientação é associada ao vínculo do jogador com determinado clube, em inúmeras manifestações: ela se “justificaria” por ele ser torcedor do Flamengo; por ter começado a carreira no Cruzeiro; por ter ido jogar no Corinthians; ou seria típica dos torcedores do São Paulo, do Grêmio ou dos rivais do Flamengo no Rio (Vasco, Botafogo, Fluminense). Nos diversos comentários analisados, é notável como o ideal de masculinidade heteronormativo é defendido no futebol e, particularmente, em associação ao time escolhido para torcer. A orientação homoafetiva é usada para fazer piadas em relação aos times rivais e não é aceita no clube do coração: “Ronaldo, você pode comer o traveco que você quiser, gastar seu dinheiro como lhe der na telha, aliás se quiser, dê também que o pobrema é seu, mas pelamordedeus, não faça nada disso com a camisa do Flamengo!!!”. Destaca-se aqui a liberdade individual de Ronaldo agir como quiser, desde que sua atitude não “prejudique” a imagem de um coletivo. Outro manifestante questiona que não sabe o que é pior: ter um ídolo que sai com travesti ou ver o mesmo ídolo usando a camisa de seu time do coração naquele momento – lembrando que Ronaldo vestia a camisa do Flamengo no episódio.

A infidelidade de Ronaldo em relação à namorada Bia Anthony também foi tematizada, mas em poucas manifestações. Em uma delas, emerge a visão de que ser traída “pelo marido com um traveco é o fim do mundo!”; essa traição é vista como terrível. Em outros comentários, o erro de Ronaldo foi a traição, independente de com quem ela foi realizada: “O Ronaldo errou, ponto. Não em ter buscado um programa com mulheres, mas sim ao trair a namorada dele! Isso é coisa de mau caráter!!!”. Aqui, a fidelidade emerge como um valor que não foi prezado pelo jogador, que, como tantos outros homens, não sabe o que é respeito.

Os posicionamentos críticos em relação ao comportamento de Ronaldo também tematizaram a riqueza do jogador. Um dos manifestantes destaca que, no Brasil, há sempre a presunção de inocência da celebridade, “endinheirada e famosa”. Outro destaca que quem “tem dinheiro faz as leis e manda” em nosso país. Em diferentes comentários, emerge a visão de que o Fenômeno receberia um tratamento diferenciado (tanto pela mídia quanto pelo delegado que investigava o caso)

justamente em virtude de sua riqueza: ele estaria comprando a imprensa e o delegado para abafar o caso. Assim, o poder econômico de Ronaldo seria o responsável pela confiança do delegado em sua versão, pela mudança de depoimento das travestis e pela abertura da mídia, sobretudo da Rede Globo através do *Fantástico*, para explicar seu posicionamento.

O dinheiro também é usado para questionar, de diferentes formas, as ações de Ronaldo: afinal, “o que leva um homem milionário, público e amado pelo mundo a fora, contratar serviços quaisquer que sejam, mulheres ou não, para programa sexual”? Com tantas mulheres querendo ficar com ele de graça, ele precisava buscar prostitutas? Ele tem milhões e precisa “pegar” travestis? Por que ele não pagou os 50 mil reais para as travestis? Esses são alguns questionamentos que emergem em diferentes comentários. De qualquer forma, o dinheiro é visto como o grande motivador para que as mulheres sejam atraídas por Ronaldo, já que um “cara feio” como ele tem que pagar bem mesmo para ter belas mulheres. Até mesmo seus casamentos⁸ são vistos como pautados pelo oportunismo das mulheres e pelo interesse na situação econômica do jogador. O dinheiro teria sido capaz até mesmo de comprar a morte de uma das travestis envolvidas no episódio alguns meses depois, na visão de alguns manifestantes. Mas o dinheiro não compra a inteligência. Nesses comentários, Ronaldo é visto um homem feio, que ganhou muito dinheiro, o que, entretanto, não é capaz de trazer beleza e inteligência a alguém.

Para preservar seu patrimônio, Ronaldo deveria ter pensado melhor antes de agir, afinal, “ele tem um monte de contratos com empresas enormes no mundo q[ue] podem ser rompidos imediatamente por causa desse rolo.. queima a imagem do cara = queima a imagem do produto que ele vende”. Com o escândalo, ele poderia perder o contrato com a Nike, além de outras punições, como a perda da namorada: “todo homem que faz merda tem que se ferrar mesmo”.

Questões ligadas às habilidades técnicas de Ronaldo como jogador de futebol também emergem nos posicionamentos críticos analisados. Em uma das manifestações, ele é visto como um “FAKE-nômeno”, que se construiu a partir de uma “propaganda enganosa de um produto descartável que já veio com validade vencida”. Outro sujeito afirma: “nunca achei que esse gordo jogasse grande coisa e também sempre achei ele

⁸ Ronaldo foi casado com Milene Domingues (com quem teve um filho) e com Daniella Cicarelli (com quem celebrou a união em uma festa luxuosa em um castelo francês; o casamento durou apenas três meses). Atualmente, ele é casado com Bia Anthony, com quem tem duas filhas.

meio mascarado”. Nesses comentários, questionam-se as qualidades técnicas dele como jogador.

Entretanto, ele também é lembrado a partir de sua trajetória profissional de sucesso, apesar de esta estar chegando ao fim. Ele é visto como alguém que “foi, sim, Fenômeno, mas há tempos perdeu o título de ídolo nacional, assim como seu futebol se distancia cada vez mais do auge”; alguém que “já foi um maravilhoso jogador de futebol, encheu o Brasil de alegria e não soube administrar sua vida pessoal”. O episódio é visto como inexplicável, como o “início de um fim melancólico” para a carreira de um jogador que foi “campeão do mundo” e que “já foi considerado o melhor do mundo!”. É inexplicável também na perspectiva de outro manifestante, que associa a habilidade de Ronaldo em campo com a que ele deveria ter fora dos gramados:

Se numa área, cercado de adversários, ele consegue fazer lindos gols, como não conseguiu safar-se de uma trama provocada por algumas pessoas de reputação não ilibada? Afinal, como heterossexual assumido, segundo suas declarações, ele deveria ter tido a competência de safar-se da confusão na qual se meteu, como o faz numa grande área que invade por dever de ofício. Pegou muito mal o que ele fez.

Apesar de ter “pegado mal” o que Ronaldo fez, o episódio é visto como uma armação orquestrada pelas travestis, vistas a partir de uma perspectiva muito negativa, que, *a priori*, coloca em suspeita sua reputação. Ronaldo seria, assim, a vítima que não soube se safar da confusão armada para ele, o que também sugerem outras manifestações: “o Ronaldo sempre foi mulherengo, isso aí foi armação”; “nosso craque foi vítima de extorsão quando queria apenas se divertir”.

Muitas manifestações, no entanto, criticam o tipo de diversão buscado por ele. Como um atleta, ele não poderia ter esse tipo de comportamento: de virar a noite em farras, demonstrando despreocupação com a própria recuperação: “Ronaldo, por ser um grande jogador de futebol em recuperação, em vez de descansar para acelerar sua volta aos gramados, pareceu não se preocupar com ela, levando três travestis ao motel, de madrugada. E, depois, o que apanha é o joelho!”. O rumo certo para a vida dele seria recuperar a boa forma física e voltar a dar “show em campo como nos velhos tempos”.

Como um ídolo, o comportamento dele também é questionável e trouxe danos à imagem que ele construía: “lamento muito pelo Ronaldo, posto que um ídolo como ele precisa saber se comportar. Pobre por esse fato ele não ficará. Sua

imagem, sim, agora está na maior pobreza”. Vários manifestantes destacam que ele é um ídolo mundial e um exemplo para as crianças. O comportamento dele é visto como vergonhoso para um pai de família e uma figura pública. E ainda queima “o filme de brasileiro”. Essa visão do ídolo que decepciona e desperta desconfiança emerge em outra manifestação:

Ronaldo é um ídolo de infância para mim. Um atleta moderno que aliava força e técnica com a velocidade e um poder de finalização inquestionável. Alguém como eu procurava ser nas aulas de educação física, principalmente nas comemorações, em um devaneio infantil. Ao ver um dos maiores atletas do futebol se degradando de tal maneira, eu me pergunto: quanto posso confiar em um ídolo?

Um ídolo que se degrada, que se autodestrói, que está em declínio, em decadência, apesar de sua capacidade de recuperação: “uma pessoa com enorme capacidade de superação e imenso potencial de autodestruição. Esse é Ronaldo, realmente um fenômeno”. Ele é visto como um sujeito “infeliz e sozinho”, que inspira pena. Uma celebridade como ele deveria aproveitar melhor as oportunidades que a vida lhe ofereceu e agir com mais “bom senso”: “uma personalidade como ele, com a fama que tem e as excelentes oportunidades que apareceram em sua vida, deveria ter bom senso e aproveitá-las”. Ele é visto como alguém pobre em valores, apesar de toda riqueza: “ele parece nunca ter sido muito virtuoso mesmo e isso dinheiro nenhum pode comprar!”. A emergência de um acontecimento tão polêmico na vida dessa celebridade parece, muitas vezes, apagar qualquer virtude. É o que sugere outra manifestação:

Ronaldo demonstra continuar sendo um pobre menino rico. “Pobre” de conceitos, princípios e valores. “Menino”, porque continua infantil nas ações e reações de alguém que, pela idade, pelas oportunidades e pela vivência, deveria ser um adulto mais centrado, como muitos que ganharam o tetra e o penta com ele.

A comparação entre Ronaldo e outros jogadores apareceu em manifestações de leitores de *Veja* que questionaram a afirmação que a revista trouxe em sua capa: “O ‘Fenômeno’ podia ser um Pelé, mas de escândalo em escândalo sua imagem se desfaz como a de Maradona”. Em uma das cartas, questiona-se a compreensão excessiva dedicada pela imprensa a Pelé, que cometeu um erro mais grave que o de Ronaldo:

Não podemos nos esquecer de que o rei também tem sua vida povoada por escândalos. E, a meu ver, um mais grave que todos os do Ronaldo. Não teve a hombridade de reconhecer a filha; só o fez “debaixo de vara”, negando à filha e aos netos o sagrado direito da descendência. Que rei é esse?

Em outra carta, Ronaldo é posicionado como o eterno fenômeno, um patrimônio nacional, que não merece ser comparado a um viciado como Maradona: “como pode uma revista como VEJA permitir que se compare nosso Ronaldinho, eterno fenômeno, a Maradona? Como comparar um atleta a um viciado convicto? Nosso rei Pelé já deu suas mancadinhas e nem por isso deixa de ser o maior de todos os tempos”. Nessa visão, destaca-se que os atletas também dão suas mancadas, cometem erros, que, no entanto, são passageiros e não devem interferir na construção da imagem deles como grandes jogadores de futebol.

Essa falibilidade do atleta – que é marca de todo ser humano – emerge também na seguinte manifestação: “Ronaldo cometeu um erro que somente ele tem de pagar. O problema é que nossa sociedade hipócrita está tratando o caso como se fosse a primeira e única vez, escrachando o atleta”. Todos nós estamos sujeitos a erros e não temos o direito de condenar as pessoas: afinal, “ninguém é perfeito” e “quem somos nós pra julgar”.

Assim, podemos perceber que várias manifestações defendem o posicionamento de Ronaldo, que estaria sofrendo de inveja por parte de seus críticos. Para muitos sujeitos, ele falou a verdade: ele é homossexual, foi enganado pelas travestis (com as quais não teve relações sexuais) e depois foi vítima de extorsão. Esta sim é um crime passível de condenação e deve impulsionar a prisão das travestis, que queriam se aproveitar do dinheiro e da fama de Ronaldo, na opinião de vários manifestantes. Afinal, quando você é “alguém”, todo mundo quer algo de você. Tudo não passou de um “mal entendido”, e o jogador “teve a dignidade e a coragem” necessárias para enfrentar o problema em vez de sucumbir à ameaça para salvar sua imagem. Com isso, ele “provou ser mais homem do que muitos que se dizem homens” por aí. Até nisso ele foi superior. Um dos manifestantes defende que Ronaldo agiu de propósito porque queria terminar o relacionamento com Bia Anthony para não sofrer outro “golpe milionário”, como o de Daniella Cicarelli.

Ao defenderem Ronaldo, vários sujeitos tematizam a relação entre as dimensões profissional e pessoal da vida dele, que não deveriam ser misturadas na

avaliação que se faz dele como jogador de futebol. Ele é visto como um ídolo, um gênio, independente de sua orientação sexual e de seu comportamento na vida pessoal: “desde que não ferre ninguém, ele faz o que quiser da vida dele”. Afinal, a vida é dele, o corpo é dele, o dinheiro é dele e, portanto, as escolhas também o são – o que sugere um modo de ação pautado na liberdade individual de cada um, que é marca do individualismo.

O escritor Nelson Rodrigues escreveu numa de suas crônicas que, “se todo mundo soubesse o que as pessoas fazem entre quatro paredes, ninguém cumprimentaria ninguém”. O músico Tom Jobim declarou numa entrevista que “sucesso no Brasil é ofensa pessoal”. Lembrei-me das palavras cáusticas e precisas desses dois geniais brasileiros, ao analisar o midiático escândalo sexual envolvendo outro genial brasileiro, o jogador Ronaldo. Não endosso a errada na qual o craque se meteu, pois quem tem a carreira atrelada ao vigor físico e à imagem pessoal, se não tem mais o primeiro, tem de cuidar com zelo redobrado da segunda. Mas nada justifica a execração que o maior artilheiro das Copas do Mundo, e também melhor jogador do planeta por três vezes, está sofrendo.

Ronaldo é aqui visto como um craque, um brasileiro que pode ser situado ao lado de outras personalidades de destaque no cenário nacional. Cometeu um erro sim, mas sua intimidade não deve ser motivo de execração pública. Esta poderia ser até decorrente da inveja despertada por ele em virtude de todo o sucesso conquistado a partir de seu talento e de seus recordes como jogador de futebol. A mídia e a opinião pública são criticadas pelo modo como tematizaram a privacidade do ídolo: tanta corrupção existe por aí e o interesse maior é por comentar sobre a vida alheia. Ronaldo foi vítima de uma exploração desumana de sua vida particular por parte da imprensa. Além disso, “temos poucos heróis nacionais”, não se deve ajudar a destruir a imagem de um deles.

Ronaldo é lembrado como “uma lenda do futebol”, que trouxe muitas conquistas e “muitas emoções para nós brasileiros”; “um vencedor”, que “merece a compreensão e a tolerância de todos”: “continue fazendo gols”. Apesar de fazer escolhas que “partem o coração” de seus fãs, Ronaldo é visto como um “filho do Brasil que tanta alegria deu ao povo deste país” e “merece e precisa do nosso apoio!”. Ele é e sempre vai ser o fenômeno, “o melhor de todos os jogadores do mundo”, que vai ser imbatível dentro de campo por muito tempo. Nessas manifestações, o que importa são as habilidades técnicas de Ronaldo, que fizeram com que jogasse muita bola na vida.

Além de suas qualidades como jogador, responsáveis por trazer toda essa alegria ao público, Ronaldo “sempre demonstrou ser um homem de caráter”, apesar do episódio “desagradável” em que se envolveu. Ele é visto como um sujeito “bonzinho”, “gente boa” e solidário por suas doações a diferentes obras sociais, um sujeito carismático e tranquilo, “um cara da paz”, que não tem maldade contra o semelhante. Ele é lembrado como o maior exemplo de superação do Brasil, que soube superar inclusive esse episódio: errou, assumiu seu erro publicamente, demonstrou arrependimento, deu a volta por cima e “hoje leva uma vida numa boa com a mulher e os filhos. O importante é a felicidade”. Ronaldo passou a “destruir” no Corinthians e ninguém mais se lembra daquele episódio.

Para concluir

A análise aqui realizada procurou perceber algumas relações entre o público e o privado na configuração das celebridades na contemporaneidade, a partir do episódio envolvendo o jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima e travestis. Para concluir, gostaríamos de sintetizar os achados a partir dos três eixos propostos: 1) como o público e o privado são tematizados a partir desse acontecimento; 2) qual a imagem de Ronaldo emerge a partir deste; 3) quais os traços e valores de nossa sociedade são evidenciados com a análise desse episódio.

Em primeiro lugar, podemos perceber como a intimidade e a privacidade das celebridades vêm sendo divulgadas e tratadas pela mídia e pelo público – o que vem reconfigurando a distinção entre público e privado, como sugere Sibilia (2008). É notável, no caso analisado, como a exposição de detalhes da vida privada (sobretudo, quando o caso é tão polêmico) pode muitas vezes obscurecer as realizações profissionais de uma personalidade pública como Ronaldo. Ainda que vários discursos defendam a necessidade de separar essas duas dimensões (privada e profissional), o que se pode perceber é o julgamento das atitudes do jogador também em sua esfera íntima.

Em segundo lugar, podemos perceber que existem contradições marcantes no modo como Ronaldo é visto: como um homem de caráter ou como alguém sem valores; como um ídolo eterno ou como um ídolo destruído, que desperta suspeitas e desconfianças em seus fãs. Os sentidos contraditórios agregados à imagem do

jogador exibem as duas dinâmicas opostas que caracterizam a nossa relação com as pessoas célebres na contemporaneidade: a *admiração* e a *crítica* (FRANÇA, 2010).

Ronaldo continua sendo admirado por seus feitos no futebol: é um ídolo, um craque, um fenômeno, cujas habilidades técnicas trouxeram conquistas e emoções aos brasileiros e aos amantes do esporte. Ainda que seja criticado por alguns sujeitos, que não reconhecem suas qualidades como jogador, muitos discursos tematizam e valorizam sua genialidade dentro de campo. Além disso, destacam-se também valores associados à sua trajetória como sujeito: a solidariedade, a bondade, a sinceridade, a honestidade, o bom caráter de Ronaldo são evidenciados em alguns discursos.

Ao mesmo tempo, porém, o acontecimento fez de Ronaldo um alvo de inúmeras críticas, tanto em relação à sua vida profissional como à pessoal. Ele é visto como um jogador em fim de carreira, que está em declínio, um falso ídolo, que desperta a desconfiança do público. Na tematização de sua orientação sexual, proliferaram críticas e piadas que colocaram em suspeição a sinceridade, a honestidade e a confiança em suas declarações sobre o caso. A fidelidade foi um valor defendido por aqueles que criticaram a traição dele em relação à namorada – mas não foi o valor mais tematizado.

A dupla dinâmica aqui identificada (de admiração e crítica) constrói o mecanismo de *contra-identificação* na nossa relação com as celebridades (DORTIER, 2009): a observação e a crítica em relação à intimidade de Ronaldo fazem parte da atração dos sujeitos por essa celebridade. A sociedade que ri e debocha de seu herói aproxima-se dele e enfatiza sua face mais humana. Na crítica às supostas besteiras e aos erros do jogador famoso, situa-se a valorização da ordinariedade da vida cotidiana, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos comuns. Na crítica a Ronaldo, percebemos a dimensão humana do ídolo, que erra, fracassa, é, portanto, falível – como todos nós. E essa crítica ajuda a driblar o nosso próprio fracasso (FRANÇA, 2010).

Assim, ao olhar para as celebridades no cenário contemporâneo, podemos perceber como a intimidade delas vem povoando a vida pública, o *mundo comum*, aquele espaço criado pelos sujeitos em ação e no qual “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (ARENDT, 2005, p. 59). Além disso, ao perceber o que emerge com importância e é capaz de despertar o interesse do público em relação à vida das celebridades, fica evidente como as fronteiras entre o público e o privado estão se diluindo ainda mais na

sociedade hodierna. Retomando Bignotto, a “futilidade de nossos atos privados se torna um sintoma inquietante para a vida política quando deixa de ser referida à cena da vida privada e aparece no espaço em comum dos homens como aquilo que verdadeiramente importa” (BIGNOTTO, 2009, p. 228). Sim, é certo que podemos questionar a atribuição de importância e valor a inúmeros acontecimentos que dizem respeito à vida privada das celebridades e o modo como eles emergem na cena pública.

No entanto, acreditamos que, ao olhar para um desses eventos (como fizemos no presente artigo), devemos tentar extrair dele traços que ajudem a compreender a sociedade em que vivemos. É nesse sentido que, em terceiro lugar, para finalizar, gostaríamos de evidenciar alguns traços de nossa sociedade que podem ser evidenciados a partir da análise realizada. O que chama muita atenção é o modo como o *ideal de masculinidade*⁹ (heteronormativo) é defendido tanto em associação ao futebol (e aos times) como na definição do que é ser homem em nossa sociedade – revelando o preconceito existente na sociedade em relação às relações homoafetivas.

Além disso, é importante destacar que essa defesa da masculinidade está associada ao *traço machista*¹⁰ de nossa sociedade. Ronaldo não é visto como um homem bonito, mas, com sua fama e todo o seu dinheiro, conseguiu conquistar várias mulheres bonitas. Estas são vistas como seres oportunistas e interesseiros, que só se envolveriam com o jogador para desfrutar de sua situação financeira, a responsável por garantir os privilégios de Ronaldo na sedução de belas mulheres. Além disso, o fato de ele ser mulherengo, ainda que seja identificado, quase não é objeto de crítica nos discursos analisados.

O individualismo contemporâneo é outro traço que pode ser percebido na análise desse acontecimento. Destaca-se a autonomia e a liberdade individuais de Ronaldo de agir seguindo seus desejos e de acordo com suas condições – desde que não afetem seu lugar social. Além disso, percebe-se o reconhecimento do jogador como “alguém”, um sujeito “especial e único”, que é valorizado e também julgado pelos membros de uma sociedade regida pela ética do individualismo (ROJEK, 2008,

⁹ A masculinidade é entendida como uma instituição que diferencia o homem de outros indivíduos, como “uma bússola de orientação para a formatação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos” (OLIVEIRA, 2004, p. 19).

¹⁰ Entendemos o machismo a partir da perspectiva de Azerêdo (2007, p. 119), como o “conjunto de valores e normas que têm como objetivo manter privilégios dos homens em detrimento dos direitos das mulheres, considerando estas como naturalmente inferiores àqueles”.

p. 107). Ao mesmo tempo, porém, podem ser percebidos valores necessários à construção de um projeto social coletivo, como a solidariedade, o respeito, a sinceridade, o exemplo positivo, o que sugere certa polarização entre o individual e o coletivo (com clara ênfase no primeiro) na face contraditória dessa celebridade, à luz deste acontecimento.

Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- AZERÊDO, S. *Preconceito contra a "mulher": diferença, poemas e corpos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BIGNOTTO, N. A contingência do novo. In: NOVAES, A. (Org.) *A condição humana: as aventuras do homem em tempo de mutações*. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009. p.221-240.
- FRANÇA, V. R. V. "A felicidade ao seu alcance": que felicidade, e ao alcance de quem, afinal? In: FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p.213-226.
- DORTIER, J-F. *Les peuples, pourquoi ça marche?* In: *SCIENCES HUMAINES*, Auxerre, n. 204, p. 18-23, mai. 2009.
- GOMES, W. A política da imagem. In: _____. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004. p.239-290.
- OLIVEIRA, P. P.. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- ROJEK, C. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- TURNER, G. *Understanding Celebrity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE, 2004.